



# TEA time

Transtorno do Espectro Autista



# ÍNDICE

**2 PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO**

*O que nos une*

**3 VOCÊ SABIA?**

*Previa sobre o autismo*

**4 OS GATOS NA CAIXA**

*Um breve conto sobre empatia*

**5 VOCÊ SABIA?**

*Análises científicas e suas principais características*

**6 A MÁSCARA QUE OS OUTROS NÃO VEEM, MAS MEU CORAÇÃO SENTE**

**7 HAIKAI**

*Poema no estilo japonês sobre autismo*

**8 ENTREVISTA COM ANONIMO**

*A jornada de uma pessoa autista*

**12 ENTREVISTA COM MICHELE PEREIRA**

*Um caminho de Amor e Superação.*



# AUTORES

- Arthur Soares
- Caio Couto
- Jhessy Gabrielli
- Sophia Selingardi
- Renato Enrique

# DESINGS

- Brunna Iwamura
- Mel Marilac



# VOCÊ SABIA?

Por Caio Couto

**A denominação “autista” foi utilizada pela primeira vez na Psiquiatria em 1906, por um psiquiatra suíço chamado Plouller, que introduziu o termo “autismo” para descrever pacientes que faziam referência a tudo no mundo que os rodeava. Devido ao fato de se isolarem, alguns casos chegavam a ser considerados processos psicóticos.. É apenas a partir dos anos 70 e 80 que o Autismo é desassociado de um tipo de psicose e passa a ser entendido como uma desordem comportamental e emocional. Atualmente, o espectro “é visto como uma inadequação no desenvolvimento que se manifesta de maneira grave pela vida toda”.**

Essa nova abordagem para o Autismo implica que o trabalho psiquiátrico não é mais a primeira forma de tratamento, mas sim a educação, que assume o principal foco na manutenção da condição autista. “Somente em circunstâncias excepcionais, o tratamento psiquiátrico também é necessário”.

Além disso, a família possui papel fundamental no processo de tratamento, sendo ela o “fator determinante para a detonação e manutenção ou, ao contrário, para o impedimento do processo de integração”, principalmente na educação, fundamental para um bom desenvolvimento. Portanto, a família e a educação são os principais pontos de tratamento para o Autismo.

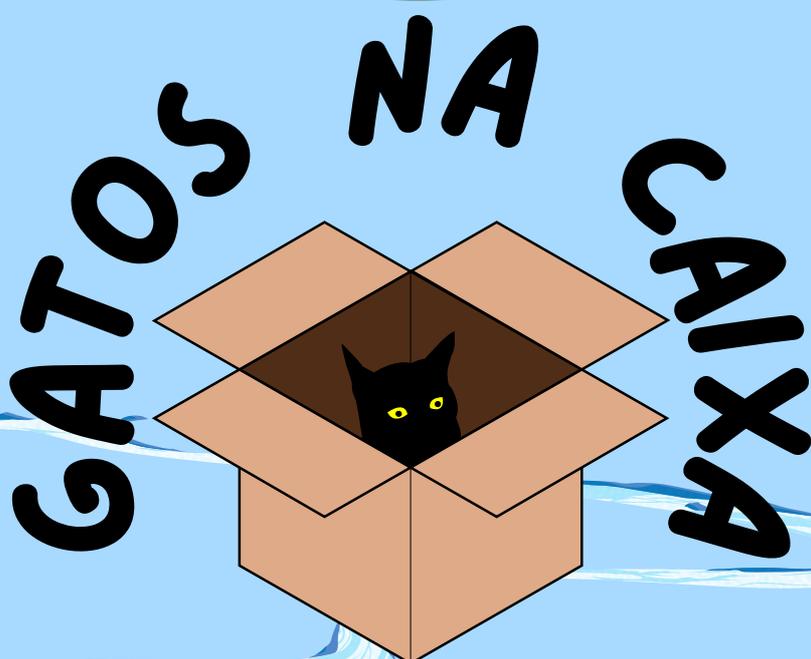




Abandonados em uma caixa no meio do rio, nosso destino nos levou até uma criança. Não sei dizer se o que o atraiu foi o choro agudo, eu estar com tantos filhotes, ou a vontade dessa pequena figura em cuidar e zelar por alguns felinos abandonados.



Cuidou de todos nós em segredo por muito tempo. Aparentemente, seus pais não o levavam a sério e o impediriam de cuidar de um animal. Mas, mesmo assim, nos trazia comida, leite e carinho todo santo dia. Me impressiono com sua pontualidade e preocupação conosco, nos dando muito mais do que ele próprio tinha. Entendi somente muito depois o motivo, ele via em nós o seu único lar. Queria nos tratar da forma como ele nunca foi tratado. Um exemplo surreal de empatia.





# Gente como a gente

Sem compreensão  
Puro preconceito  
Humano também

Por Arthur Soares

**Passos repetitivos e incessantes.**

**Conversas infinitas que não têm começo ou fim.**

**O cheiro enjoativo de gordura, óleo e mofo.**

**Dezenas de restaurantes ao redor.**

**E, de tudo isso, a presença humana é o que**

**mais incomoda.**



**Pode ser por conta do barulho**

**excessivo que fica impregnado na cabeça;**

**ou talvez algum tipo de trauma social que o impede**

**de estar no meio de muitas pessoas; ou até mesmo**

**repulsa pelo local em si.**

# **PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO**

**O motivo pouco importa, cada  
um terá um diferente.**

Por Arthur Soares

**O que os une, no entanto, é um pensamento:**

**“Eu odeio shopping!”.**



# ENTREVISTA COM MICHELE PEREIRA

Por Renato Enrique



Renato

**Como foi a descoberta do diagnóstico?**

Michele

**Quando descobri sobre o autismo de Julia fiquei triste e depressiva, mas não por conta da condição dela. Na verdade, eu me culpava e achava que tinha feito algo errado durante a gravidez. Com o tempo, percebi que não tinha culpa alguma e aprendi a aceitar a situação.**



**Como a vida mudou para você após o nascimento de Julia?**

**Minha vida mudou completamente. Antes de Julia nascer eu tinha uma vida mais tranquila, com mais liberdade financeira e tempo para meu lazer familiar. No entanto, após o nascimento, tive que abrir mão de muitas coisas para cuidar dela. Os gastos com medicamentos e consultas se tornaram uma prioridade e não tenho mais muito tempo para mim mesma ou para descansar. Apesar das dificuldades, sempre tento dedicar tempo para minha família e também para o meu filho mais velho, Matheus.**



**Como é a relação de Matheus com a irmã?**

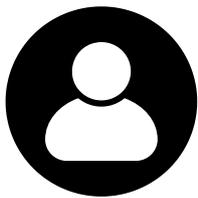


**Matheus é um irmão protetor e compreensivo com Julia. Ele sempre quer estar ao lado dela para protegê-la. No início ele pode ter sentido um pouco de ciúmes, mas hoje compreende e aceita a situação. Eu tento dar atenção individual a cada um deles mesmo sabendo que Julia precisa de mais atenção por conta das dificuldades que o autismo causa na vida dela, principalmente nas escolas que não possuem muita “ infraestrutura profissional ”, para cuidar de autistas.**



**Em relação à educação de Julia, você mencionou as dificuldades em encontrar uma escola de ensino primário adequada. Por que acha que há tantas dificuldades em encontrar uma escola para ela?**

**Acredito que a dificuldade se deve mais à falta de profissionais especializados nas escolas para cuidar dela. Não é uma questão de preconceito, mas sim de poucos recursos e conhecimentos específicos para lidar com crianças autistas.**



**Como você lida com o preconceito social e familiar em relação a Julia?**

**Eu enfrento junto com ela algumas situações de preconceito bem rotineiras. Quando preciso usar a fila preferencial, por exemplo, as pessoas costumam fazer comentários desagradáveis.**



[Para a entrevista completa clique aqui](#)



# VOCÊ SABIA?

Por Caio Couto

**A síndrome autista é quatro vezes mais comum entre meninos do que meninas.**

**É encontrada em todo o mundo e em famílias de qualquer configuração racial, étnica ou social.**



**Os principais sintomas autistas, com base no critério Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais:**

**(DMS-5; APA, 2014)**

- 1) Distúrbios no ritmo de inteligência de habilidades físicas, sociais e linguísticas.**
- 2) Reações anormais às sensações.**
- 3) Fala ou linguagem ausentes ou atrasadas.**
- 4) Relacionamento anormal com objetos, eventos e pessoas.**





# A MÁSCARA QUE OS OUTROS NÃO VEEM, MAS MEU CORAÇÃO SENTE

Por Jhessy Gabrielli

Já estávamos no carro, minha mãe e eu, seguindo em direção a casa de minha tia. Quando chegamos, eles entraram no carro e logo já senti um forte cheiro de cigarro, que foi até no meu estômago como um soco, vindo da minha tia. Logo, uma leve falta de ar se instalou em mim. Minha mãe, que dirigia em direção a festa, ligou o som e começou a conversar com sua irmã.

Meu cérebro, automaticamente, começou a pifar com o cheiro de cigarro misturado com o perfume, a música, a conversa, o carro em movimento e mais o trânsito da cidade, colocando meu processamento sensorial em sobrecarga. Meu corpo parecia explodir. Eu tremia. Comecei a sentir enjoo e a ter calafrios. Vinha uma vontade de gritar, de sair do carro, mas não podia. Travei meu corpo no banco e fui tentando me acalmar, tudo que eu pensava era chegar logo no restaurante. Era como se meu corpo estivesse sendo torturado, eu queria chorar, me balançar, mas não podia pois não queria causar uma impressão de que sou estranha. Então continuei mascarando minha dor como se estivesse tudo bem.

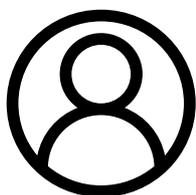
Assim que chegamos no restaurante, eu saí do carro e fui andando o mais rápido possível para um canto isolado onde tinha árvores e grama. Fiquei respirando de forma ofegante para me acalmar, me balançando para meu cérebro prestar atenção e voltar a responder pois minha visão já estava muito turva devido a tantos estímulos. Nessa hora, bateu a vontade de voltar para casa, mas tínhamos que comer. Não teve jeito, quando me dei conta, eu já estava chorando. Meu raciocínio tinha sumido, meu corpo estava em crise mais uma vez.

Depois de alguns bons minutos me acalmando, me arrumei e fiz uma postura mais confiante para não demonstrar o que tinha acontecido. Assim, fui até a mesa que estávamos sentadas para comer.

# ENTREVISTA COM JOVEM DE 22 ANOS NO ESPECTRO

Por Sophia Selingardi

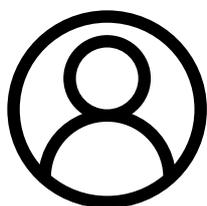
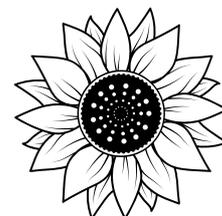
Sophia



**Como você descreveria sua experiência pessoal com a dificuldade de socialização?**

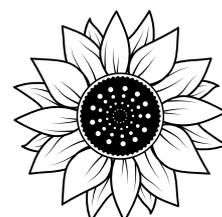
Anônimo

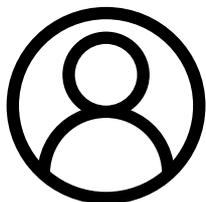
**Vejo na minha experiência um caso em que a socialização deu certo a ponto de permitir uma vida boa nos aspectos mínimos, é claro, dentro da comparação de uma visão do que é ideal para nossa sociedade. No entanto, vejo isso como verdade até certo ponto da minha vida, até uns 18, 19 anos. Imagino que mesmo sem o período de pandemia muitas dessas coisas teriam acontecido, mas foi um fator que agravou muito mais.**



**Quais são os principais desafios que você enfrenta ao tentar se conectar com os outros?**

**Entender que não é com todos que podemos nos conectar, além de também me permitir ser eu mesmo sem criar paranoias.**



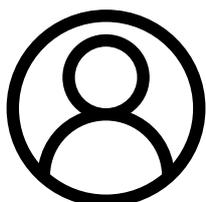
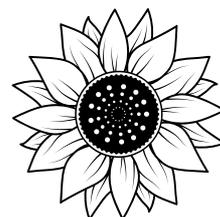


Sophia

Como a escola contribuiu para ajudá-lo a superar essas dificuldades de socialização?

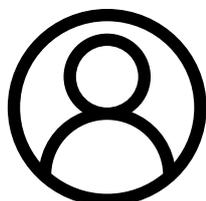
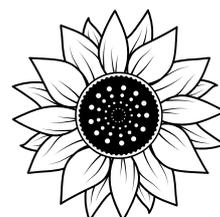
Anônimo

A escola me trouxe amizades muito fortes, principalmente em seus últimos anos. Por ser um lugar que me interessava frequentar, e também, por frequentar a maior parte dos dias, fui mais eu mesmo com os outros nesses períodos.



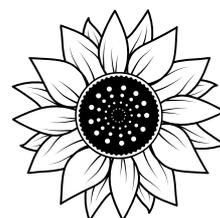
Quais atividades ou situações sociais você considera mais desafiadoras no seu dia-a-dia?

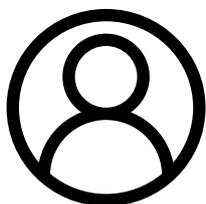
As interações que envolvam a sala de aula, como um estudante universitário, ainda me desafiam muito. Isso envolve formar duplas ou grupos e até mesmo interações pós-aulas. Ainda não consegui formar amizades através da faculdade no pós-pandemia no meu curso.



O que você gostaria que seus professores e colegas de classe soubessem sobre suas necessidades sociais?

Não acho que gostaria que soubessem. Não creio que eles façam algo errado (mesmo que não saibam que tenho dificuldade), acho que me apeguei a muitas dessas dificuldades e me permiti me tornar elas.



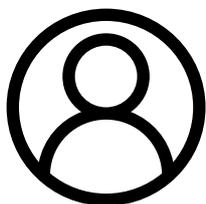
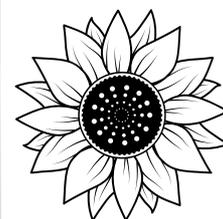


Sophia

**Você já teve alguma experiência positiva de interação social na escola/universidade que você gostaria de compartilhar?**

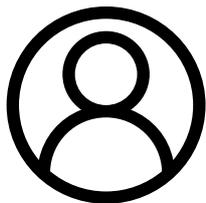
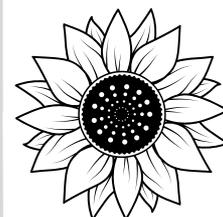
Anônimo

**Considerando o tempo de pandemia da faculdade, fiz várias amizades através de trabalhos em grupo online. No presencial, fiz algumas poucas também através de quem já conhecia. No entanto, esse período era em outro curso. Agora que estou em um curso diferente não tenho conseguido por conta própria. Apenas uma pessoa que tomou várias vezes o passo inicial para uma amizade.**



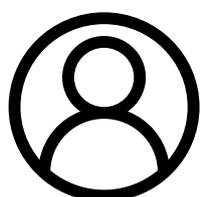
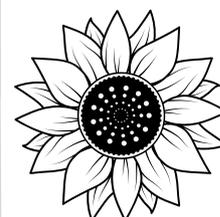
**Você já conseguiu desenvolver alguma amizade significativa na escola/universidade? Se sim, como isso aconteceu e o que isso significou para você?**

**Sim, da forma como respondi na questão anterior durante a pandemia. A manutenção dessas amizades foi muito significativa, ainda mais hoje que moro com eles.**



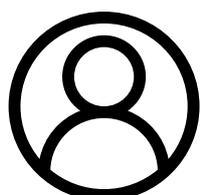
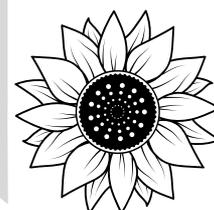
**Existe alguma atividade ou método específico que você encontrou na escola e que ajudou a melhorar suas habilidades sociais?**

**Imagino que participar de grupos de estudos juntos fez com que eu me comunicasse mais e mantivesse amigos e interação com colegas. Creio agora que fazer coisas que gosta na escola seja uma boa iniciativa para desenvolver as habilidades sociais.**



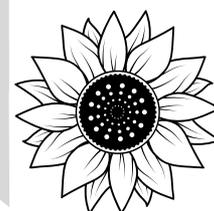
**Como você lida com situações sociais difíceis na universidade? Existem estratégias que você usa para se sentir mais à vontade nessas situações?**

**Ainda não consegui algo que resolva. Na verdade, acabo me isolando e fugindo, ou seja, acabo me mantendo na minha zona de conforto.**



**Você sente que o apoio da família, professores e colegas é fundamental para enfrentar os desafios sociais que você encontra?**

**Creio que sejam muito importantes. Apesar de achar isso, ainda não pratico. Minha psicóloga questiona se sei mesmo ou se racionalizo. Tem diferença prática, né? Não saberia dizer como se daria de uma forma que não os fazem agir "só por pena".**



## Bibliografia

- A JORNADA de uma pessoa autista na escola/universidade e as estratégias para superar as dificuldades de socialização. [Entrevista cedida a] Sophia Selingardi Amador de Campos Leite. [S.n.], São Carlos, ago. 2023.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION — APA. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <https://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2023.
- MELICIO, Rose Kelly Irene Santos da Conceição; VENDRAMETTO, Oduvaldo. Autistas no mercado de trabalho. São Paulo: Editora Blucher, 2021.
- PEREIRA, Michele. Uma jornada de Amor e Superação. [Entrevista cedida a] Renato Enrique Moraes Patrizzi. [S.n.], São Carlos, ago. 2023.
- SERRA, Dayse Carla Genero. A inclusão de uma criança com autismo na escola regular: desafios e processos. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: [http://www.proped.pro.br/teses/teses\\_pdf/Dayse\\_Carla\\_Genero\\_Serra-ME.pdf](http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/Dayse_Carla_Genero_Serra-ME.pdf). Acesso em: 08 ago. 2023.

# TEA time

**Trastorno do**

**Espectro  
Autismo**

